

Os tons do medo: fotoetnografia nas ruas de Porto Alegre (RS, Brasil)

Cornelia Eckert¹
Felipe Rodrigues²



Resumo: Esta narrativa fotográfica resulta de pesquisas sobre as imagens dos medos e das crises na vida cotidiana em contextos urbanos desenvolvidas no âmbito dos projetos de antropologia visual (NAVISUAL) e banco de imagens (BIEV) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Eckert e Rocha, 2013). São imagens que evocam, em uma perspectiva crítica, os processos de descontinuidades e rupturas aos projetos humanos de duração e continuidade no trajeto antropológico (Bachelard, 1984, 1989, Durand, 1988).

Palavras-chave: Antropologia Urbana; Antropologia Visual; Crise, Medo; Etnografia da Duração.

Abstract: *This photographic narrative arises from researches on the images of fears and crises in urban context's everyday life developed in the field of the projects on visual anthropology (NAVISUAL) and image's bank (BIEV) on the Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social in Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Eckert e Rocha, 2013). These are images that evoke, in a critical perspective, the processes of discontinuities and disruptions to the human duration's projects and continuity on the anthropological path (Bachelard, 1984, 1989, Durand, 1988).*

Keywords: *Urban Anthropology; Visual Anthropology; Crisis; Fear; Duration's ethnography.*

¹ Professora Titular do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).

² Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul



A cidade que pesquisamos é Porto Alegre (RS), contexto de nossa morada e locus de nossos estudos antropológico com imagens. É a capital do estado do Rio Grande do Sul. Uma cidade que hoje conta com mais de um milhão de habitantes e espelha as contradições de um país marcado pelas desigualdades sociais e fragilidades de políticas públicas. Os índices de aumento da criminalidade são conjugados à interpretações de um estado de crise pelo crescimento da vulnerabilidade dos habitantes aos determinismos da violência urbana.

Dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam, para esta cidade, uma das taxas mais altas de assassinatos por 100 mil habitantes, perdendo apenas para Aracaju (Sergipe) e Belém (Pará)³. Notícias sobre o medo dos habitantes em relação ao aumento das diversas formas de criminalidade, como latrocínio, homicídios, chacinas e tiroteios, são diários e permeia todas as formas de ser e estar na cidade. Atentam e ferem princípios de direitos à cidade, em especial o de transitar, deslocar, desfrutar e praticar a cidadania no espaço público⁴. Os trabalhadores de modo amplo e os estudantes, são comunidades que tem suas rotinas de deslocamento ameaçadas pelos dispositivos de criminalidade. Todos temem por suas vidas, por seu patrimônio, por seus dependentes, crianças, jovens e velhos, nos remetendo ao tema da tragédia da cultura elaborado por Georg Simmel (apud Moraes Filho, 1990 e apud Velho, Org. 1979).

As camadas médias e altas recorrem a sistemas sofisticados e onerosos para mitigar a imprevisibilidade do crime. Se inclinam ao consumo de equipamentos oferecidos pelo mercado bilionário de segurança no sentido de amenizar os riscos como cercas elétricas, sistema de monitoramento de vídeo, vigilantes privados, carros blindados. Cada vez mais recorrem a sistemas privados de transporte evitando o contexto público e optam pela constante mobilidade residencial fixando-se em espaços e habitações cada vez mais cercadas por este arsenal de segurança, como condomínios fechados, edifícios com controle de segurança. À estes instrumentos de redução de riscos, se soma o consumo de softwares e APPs, que geram orientações e informações sobre zonas de riscos e ameaças reais. As camadas mais desfavorecidas igualmente recorrem as grades, a muros, a arames farpados embora muito mais suscetíveis aos revezes dos confrontos de quadrilhas de roubo de modo geral vinculados a uma rede de narcotráfico, vivendo em uma sequência de bairros estatisticamente identificados como perigosos.

3 <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Policia/2017/10/632997/Porto-Alegre-e-a-terceira-capital-com-maior-taxa-de-assassinatos-por-100-mil-habitantes> Consulta 16 setembro 2018.

4 <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do-sul/inseguranca-gauchos-tem-medo-de-morrer-e-ate-de-ficar-em-casa/>



Os sistemas de valores em torno da cultura do medo, são múltiplos e complexos, e sujeitos a diversos fatores sócio históricos. Essa perspectiva processual foi mostrada por inúmeros autores como Norbert Elias (1994), Gilbert Durand (1988), Zygmunt Bauman (2005, 2010) entre tantos outros intelectuais que refletem sobre as inflexões sócio e psicogenéticas na trajetória da humanidade. Esta fluidez dos medos líquidos e fragmentação dos valores tradicionais, para usar a expressão de Bauman (2005, 2010) é sintetizado na pergunta do historiador Jean Delumeau (1989) ao provocar uma reflexão sobre o sentimento do medo problematizado na passagem do tempo: do que as pessoas de fato tem medo nas diversas temporalidades vividas pelos humanos?

Nas pesquisas etnográficas veiculadas no âmbito do projeto de pesquisa no NAVISUAL e BIEV, sobre as feições dos medos na vida cotidiana na cidade de Porto Alegre (região metropolitana), seguimos esta linha de perspectiva para considerar as imagens que podem narrar estas práticas sociais e estilos de vida que evocam estas formas agonísticas de habitar a cidade de pertença, marcada pelas rupturas e dilacerações da previsibilidade. Contradições de um processo civilizatório caracterizado por uma democracia sempre incipiente e que idealmente asseguraria uma ordem cotidiana ritmada por valores morais ocidentais como a liberdade de deslocamento, de direito à vida pública e coletiva na cidade, de resguardo da vida na relação de respeito ao outro. Ambiguamente, as crises de estado reverberam em uma sociedade concebida por diferenças sociais marcantes e inevitavelmente a crescente desconfiança do outro, configurando práticas de segregação espacial e social, as “fricções de distância” (Harvey, 1996, p. 195).

Estas considerações nos orientam a uma pesquisa sobre as formas dos conflitos, as estéticas culturais de expressão de insegurança e temores aos riscos a partir do que reconhecemos como feições das crises que povoam nas mentalidades e ações do viver urbano hoje. Uma série de estudos sobre violência urbana no Brasil nos antecede e nos orienta em nossas demandas intelectuais para tratar, neste artigo, do fenômeno da insegurança dos cidadãos em face do aumento da violência nas cidades brasileiras. Gilberto Velho, Ruben Oliven, Alba Zaluar, Tereza Caldeira, Michel Misse e Luiz Eduardo Soares, entre outros, examinam a violência a partir de uma perspectiva da ordem cultural, social e judicial, seja considerando a ação discursiva dos meios de comunicação de massa e a interiorização de representações que orientam sistemas simbólicos de ação cotidiana do viver na cidade, seja analisando a construção de narrativas dos cidadãos que contêm um nível de produção e reprodução da cultura do medo, seja ainda na análise das instituições legais de segurança do Estado.

Nossa motivação é o de enunciar estas narrativas do medo na construção de imagens produzidas a partir de exercícios etnográficos. Estas imagens foram tomadas a partir de três autores, olhares diversos e inserções diferenciadas nas pesquisas de campo.

Cornelia Eckert traz imagens produzidas a partir de pesquisa sobre as faces do medo no cotidiano de Porto Alegre (Projeto CNPq). O primeiro bloco de fotos são do ano 2000, saídas de campo no bairro Rio Branco e Petrópolis em que realizou entrevistas com habitantes em suas residências, estes de camadas médias. A segunda sequência de fotos resultam de saída de campo realizadas no bairro São Geraldo. São fotos de Cornelia Eckert, Cristina Noronha Cury e Darlam Nascimento realizadas no âmbito de Oficina de fotos e vídeos no contexto do Quarto Distrito em Porto Alegre, ano 2015.

Esta etnofotografia enfatiza as marcas do mercado de segurança apontadas na teoria de riscos de Mary Douglas (1982,1992) por Ulrich Beck (1992) e Anthony Giddens (1989, 1991) em suas críticas as políticas institucionais na era industrial e a emergência da lógica de peritos como condição desta “conscientização” do estado de violência para prevenção ao perigo, cuja reflexividade, no sentido de Giddens ou Beck, consiste na identificação dos efeitos e perigos pela dinâmica de radicalização da modernidade com uma profunda crítica à crise institucional.

Felipe Rodrigues traz imagens do centro identificado como político e administrativo, zona histórica de Porto Alegre. Imagens realizadas a partir de uma saída de campo em 2018, tendo como percurso o caminho do Viaduto Otávio Rocha, cartão postal e pórtico de entrada para o Centro Histórico de Porto Alegre, na Av. Borges de Medeiros, até a Praça da Matriz, ponto central e inaugural da Cidade de Porto Alegre como capital do Rio Grande do Sul.

Imagens que ilustram a crise, do abandono (de algumas edificações que ficam sob o viaduto) e da resiliência, ora dos “catadores” que disputam seu espaço junto aos carros em meio ao trânsito para acessarem o centro da cidade, ora das ocupações por moradia e dos moradores em situação de rua que ocupam a Praça da Matriz tendo como vizinhos o Palácio Piratini (sede do Governo), a Catedral Metropolitana, o Palácio da Justiça e a Assembleia Legislativa. Nesse percurso também se observa uma evolução dos aparatos de segurança das propriedades, bem como a sua estetização, que beira a uma mescla na paisagem, quase que se fundindo na natureza.

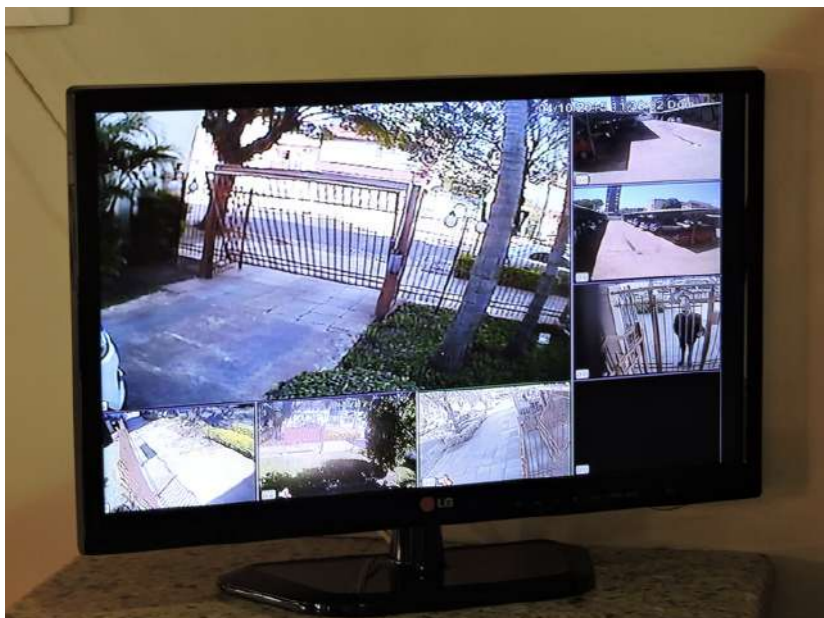
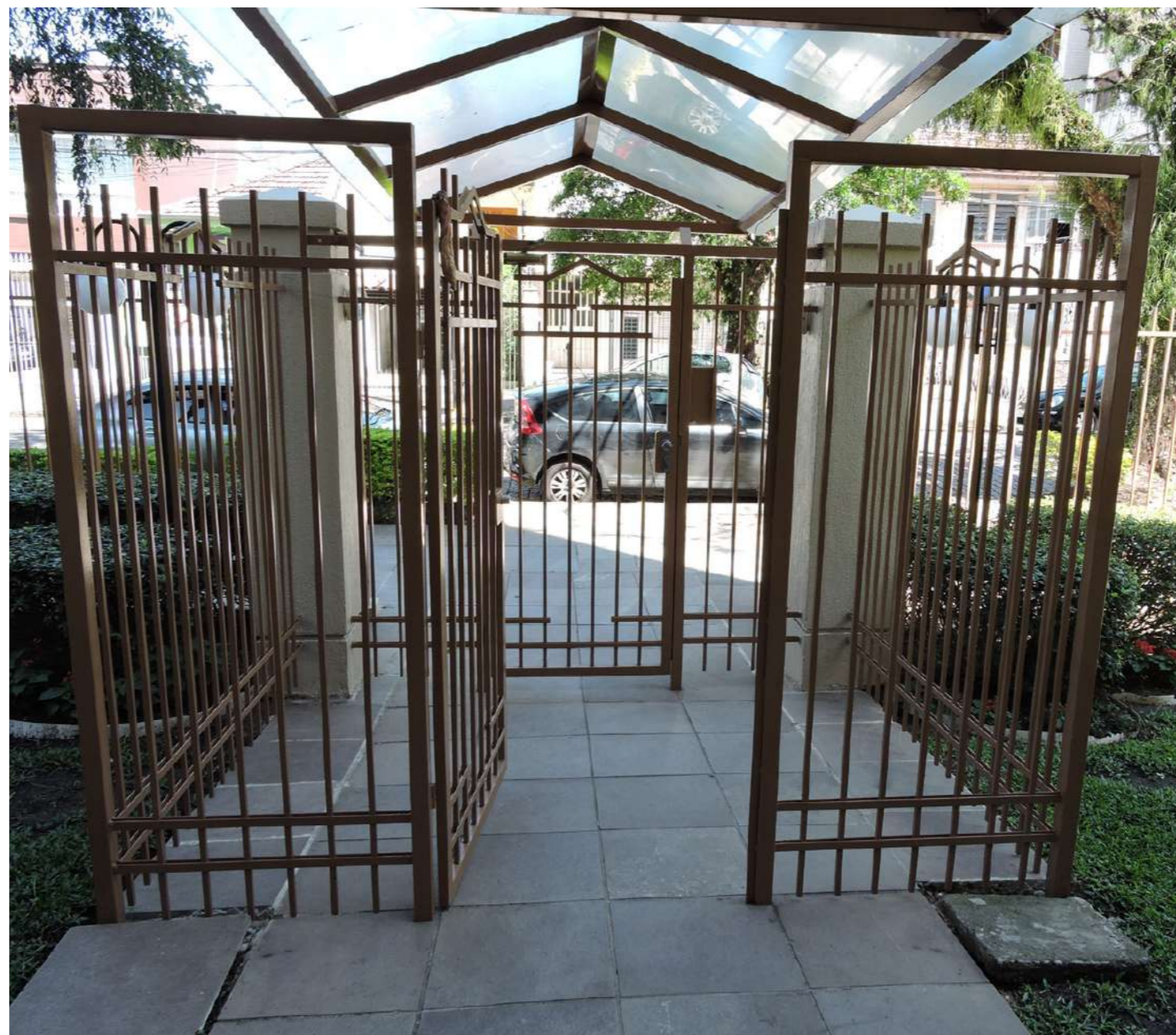
À guisa de fechamento

Esta coleção de imagens oriundas de pesquisas etnográficas, não objetivam reforçar estigmas ou evidenciar as formas de aniquilamento de práticas de sociabilidade e socialidades no contexto urbano. Antes elaborar formas narrativas que nos permitem reconhecer estas práticas como discursividades da cultura do medo e engendramento de biopolíticas de segurança (Foucault, 1988). Estes arranjos são para nós, habitados por outras práticas e intencionalidades que movem projetos de continuidade de vida, de duração de pertença à condição de cidadania. Portanto nos provocam a imaginar as formas de resiliência, as práticas de reinvenção da vida cotidiana (De Certeau, 1994) que operam lógicas de continuidade e superação das tragédias da cultura (Simmel, apud Moraes Filho, 1990).

Referências:

- BACHELARD, G. *La dialectique de la durée*. Paris, Quadrige/PUF, 1989. (1ed 1950).
 BACHELARD, G. *La poétique de l'espace*. Paris, Quadrige/PUF, 1984. (1ed 1957).
 BAUMAN, Zygmund. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
 BAUMAN, Zygmund. *O medo líquido*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
 BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. London, Sage, 1992.
 CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. SP; Brasiliense, 1984.
 CALDEIRA, Tereza P. *A cidade de muros*. São Paulo, Edusp, Ed 34, 2003.
 DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.
 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente. 1300–1800*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
 DOUGLAS, M & WILDAVSKY, A. *Risk and Culture*. Los Angeles, University of California Press, 1982.
 DOUGLAS, Mary. *Risk and Blame, essays in cultural theory*. Routledge, Londres, 1992.
 DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix, 1988.
 ECKERT, C. *A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre* In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. 1 ed. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2002. p 73 a 102.
 ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre, Marca Visual 2013.
 ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza. *Etnografia de rua*. Porto Alegre, UFRGS, 2015.
 ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
 FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1988.
 GIDDENS, Anthony *As consequências da modernidade*. São Paulo, Unesp, 1991.
 GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
 HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 1996.
 MISSE, Michel. *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo : Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana*. 1 ed. Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2006.
 MORAES FILHO, E. Simmel. São Paulo, Editora Ática, 1990.
 OLIVEN, Ruben George. *Violência e Cultura*. Petrópolis, Vozes.
 SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” In: VELHO, Otávio G. (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 SOARES, Luiz Eduardo. “Homicídios Dolosos Praticados contra Menores no Estado do Rio de Janeiro. Relatório de pesquisa desenvolvido como parte do plano de trabalho do Projeto Se Essa Rua Fosse Minha” (FASE, IBASE, IDAC, ISER). Rio de Janeiro, 1991.
 SOARES, Luiz Eduardo. “Violência e cultura do medo no Rio de Janeiro”. *Mimiog*. Palestra proferida no PPG Antropologia Social UFRGS, março 1995.
 SOARES, Luiz Eduardo. *O Rigor da Indisciplina*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara, 1994.
 VELHO, Gilberto “O cotidiano da violência: identidade e sobrevivência”. In: *Boletim do Museu nacional*. Nova série, Rio de Janeiro, Brasil. Antropologia n° 56–30 de abril de 1987.
 VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. RJ, Zahar, 1973.
 VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
 VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. RJ, Jorge Zahar, 1994.
 VELHO, Otávio G. (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
 ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
 ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Revan e UFRJ, 1994.
 ZALUAR, Alba. *Medo do crime, medo do diabo*. Unicamp/IMS UERJ, 1994.

Cornelia Eckert: Bairros—Rio Branco e Petrópolis



Bairro São Geraldo







E
PARKING
AQUI

40

E

Felipe Rodrigues: Centro Histórico



